



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-LÍNGUA ESPANHOLA**

Luzia Mirian Ferreira de Sousa

**EDUCAÇÃO E LITERATURA: DIÁLOGOS ENTRE PAULO FREIRE E
MIGUEL DE UNAMUNO**

Monteiro

2017

Luzia Mirian Ferreira de Sousa

**EDUCAÇÃO E LITERATURA: DIÁLOGOS ENTRE PAULO FREIRE E
MIGUEL DE UNAMUNO**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Espanhol pela Universidade estadual da Paraíba, sob a orientação da Professora Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia.

Monteiro

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719e Sousa, Luzia Mirian Ferreira de.
Educação e literatura [manuscrito] : diálogos entre Paulo Freire e Miguel de Unamuno / Luzia Mirian Ferreira de Sousa. - 2017.
43 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS ESPANHOL) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.
"Orientação: Prof. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia, Departamento de Letras".

1. Educação. 2. Literatura. 3. Paulo Freire. 4. Miguel de Unamuno. I. Título.

21. ed. CDD 370


Luzia Mirian Ferreira de Sousa

**PAULO FREIRE E MIGUEL DE UNAMUNO: REFLEXÕES SOBRE
O PAPEL DA EDUCAÇÃO E A LITERATURA NO PROCESSO DE
EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO.**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras Espanhol pela Universidade estadual da Paraíba, sob a orientação da Professora Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia.

Aprovada em: 03 / 08 / 2017.

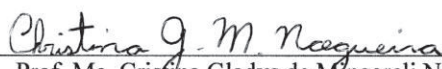
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr.^a Cristiane Agnes Stolet Correia (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Cristina Gladys de Minguareli Nogueira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

A toda a minha família por me apoiar, acreditar e torcer por mim. Especialmente aos meus pais: Fernando e Maria do Livramento, que não tiveram as oportunidades que eu tenho tido. E me ensinaram os princípios e valores necessários para uma vida digna e feliz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pelas oportunidades que me tem concedido; e pela saúde e disposição para chegar até aqui.

Ao meu esposo Rogério e ao meu filho Pierre pela compreensão nos momentos em que precisei me dedicar inteiramente às atividades relacionadas ao curso. Assim como por me ajudarem nas tarefas de casa nesses momentos.

Agradeço aos meus irmãos e aos amigos mais chegados que me ajudaram e me incentivaram com palavras de ânimo.

À minha orientadora Prof. Dr.^a Cristiane Agnes Stolet Correia com quem adquiri saberes imprescindíveis para a vida.

E a todos os Professores que fizeram parte do meu percurso acadêmico ao logo destes cinco anos, aliás, sem eles esta realização não seria possível.

Enfim, agradeço a todos e a todas que fizeram parte desta conquista.

RESUMO

O presente estudo pretende averiguar de que forma Paulo Freire e Miguel de Unamuno contribuem para a reflexão sobre o papel social da educação e a literatura. Visando de forma geral refletir sobre o papel que a educação e a literatura desempenham no processo de emancipação do sujeito. Também é objetivo desta pesquisa pensar a prática pedagógica como caminho para a libertação da consciência manipulada; bem como refletir sobre a postura do professor e sua importância como agente do processo de formação social do educando. No que se refere à metodologia aplicada no desenvolvimento desta pesquisa, conta-se com a revisão bibliográfica. Quanto ao suporte teórico que embasará o estudo, se contará com quatro obras do escritor brasileiro Paulo Freire, a saber: *Pedagogia da Autonomia*, *Pedagogia da Tolerância*, *Pedagogia do Oprimido e Educação como prática de Liberdade*. As quais servirão também de base teórica para a análise e interpretação sobre a novela do escritor espanhol Miguel de Unamuno - *Amor y Pedagogia* e o conto *El Maestro de Carrasqueda*, do mesmo autor. A partir das obras de Freire, serão apresentados os seguintes conceitos: O despertar da curiosidade crítica; a ação opressora da sociedade sobre os marginalizados, do ponto de vista externo e interno; e o papel social da educação no processo de emancipação do sujeito. Por meio das obras literárias de Unamuno, serão abordados os conceitos de prática pedagógica; a postura do professor, bem como educação e libertação.

Palavras Chave: Educação, Literatura, Liberdade.

RESUMEN

El presente estudio, pretende averiguar cómo Paulo Freire y Miguel de Unamuno contribuyen para la reflexión sobre el papel social de la educación y la literatura. Objetivando de manera general reflexionar sobre el papel que la educación y la literatura desempeñan en el proceso de emancipación del individuo. También es objetivo de esta propuesta pensar la práctica pedagógica como camino para la liberación de la conciencia manipulada; así como reflexionar sobre la postura del maestro y su importancia como agente del proceso de formación social del educando. En lo que se refiere a la metodología aplicada en el desarrollo de esta propuesta, se cuenta con la revisión bibliográfica. El soporte teórico que embasará el estudio cuenta con cuatro obras del escritor brasileño Paulo Freire, a saber: *Pedagogia da Autonomia*, *Pedagogia da Tolerância*, *Pedagogia do Oprimido e Educação como prática de Liberdade*; y una novela del escritor español Miguel de Unamuno –*Amor y Pedagogía*. A partir de las obras de Freire, serán presentados los siguientes conceptos: El despertar de la curiosidad crítica; la acción de la sociedad opresora sobre los marginalizados, desde el punto de vista externo e interno; y el papel social de la educación en el proceso de emancipación del sujeto. A través de las obras literarias de Unamuno serán presentados los siguientes conceptos: la práctica pedagógica; la postura del maestro; y educación y liberación.

Palabras- Clave: Educación, Literatura, Libertad

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. EDUCAÇÃO: CAMINHO PARA A EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO, SOB A PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE	8
1.1 A pedagogia da Pergunta	9
1.2 O opressor externo	11
1.3 O opressor interno	13
1.4 O papel da educação no processo de emancipação do sujeito	17
2. LITERATURA COMO CANAL DE REFLEXÕES, A PARTIR DE MIGUEL DE UNAMUNO	20
2.1. Avito Carrascal: O método e a razão	22
2.2 Marina del Valle: a afetividade	26
2.3 Apolodoro: O oprimido	28
2.4. Fulgencio Entrambosmares: O grande mestre	34
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

É impossível pensar no processo educativo pelo qual passa um indivíduo, sem antes pensar em pedagogia, pois se trata da ciência que se ocupa em compreender a educação, bem como do conjunto de métodos desenvolvidos para subsidiar a prática educativa. Nesse conjunto, algumas artes se fazem presentes na forma de suporte didático-pedagógico, entre elas destaca-se a literatura, que é por muitos, considerada arte da palavra. Neste entendimento, escrita ou falada é a palavra a matéria prima de uma das artes mais fascinantes e libertadoras, a literatura. Foi partindo do entendimento da possibilidade de libertação por meio da literatura e da educação, que surgiu a presente pesquisa.

Para efetivar o estudo que se pretende realizar, pensou-se em dois importantes escritores e estudiosos da área de educação e da literatura, a saber: Paulo Freire e Miguel de Unamuno. O primeiro, filósofo e pedagogo brasileiro, trouxe e continua a trazer importantes contribuições no que concerne ao pensamento crítico sobre a educação e seu caráter libertador. Neste sentido a averiguação se dará a partir de quatro de suas obras, a saber: *Educação como Prática de Liberdade* (1967); *Pedagogia do Oprimido* (1987); *Pedagogia da Autonomia* (1996); e *Pedagogia da Tolerância* (2013).

O segundo é um ícone da literatura espanhola que dentre os diversos temas que aborda através de seus escritos e personagens, propõe profundas reflexões sobre o direito à liberdade, assim como o processo educativo, destacando sempre a figura do educador. Servirão como aporte teórico para o presente estudo as seguintes obras literárias de sua autoria: *Amor y Pedagogía* (novela-1902) e *El Maestro de Carrasqueda* (conto- 1958).

Partindo da convicção de que o acesso ao conhecimento ainda pode ser o caminho para a libertação e a conquista da autonomia do *ser*, este estudo visa de forma geral, refletir sobre a educação e a literatura enquanto suportes para a emancipação do sujeito. Nesse sentido se averiguará de que forma Paulo Freire e Miguel de Unamuno contribuem para pensar educação e literatura nesta perspectiva. O estudo visa também refletir sobre a prática pedagógica enquanto caminho para a libertação da consciência manipulada, bem como discutir sobre a importância do papel do professor no processo de formação do educando.

No que se refere a sua estrutura, este trabalho está dividido em dois capítulos, a saber, Educação: o caminho para emancipação do sujeito, na perspectiva de Paulo Freire; e Literatura como canal de reflexões, a partir de Miguel de Unamuno.

O primeiro capítulo se ocupará de apresentar o conceito de educação enquanto caminho para a emancipação, sob a ótica de Paulo Freire. Inicialmente será feita a contextualização do tema, na sequência se desenvolverá o estudo a partir de tópicos que conduzirão a discussão. No segundo capítulo, a princípio serão feitas algumas considerações sobre a literatura, bem como uma breve apresentação da obra analisada, a qual embasará o estudo. Para o desenvolvimento da discussão também serão inseridos tópicos que a nortearão.

É importante destacar que, apesar do distanciamento cronológico entre os mencionados autores, existe entre suas respectivas obras, certa atemporalidade, pois ambos tratam cada um à sua maneira, de questões muito pertinentes ao ser humano e sua vida em sociedade, principalmente no que concerne ao processo de formação da identidade do indivíduo. Neste sentido cabe dizer que tanto as considerações de Freire, quanto as de Unamuno merecem detida atenção, visto que ambas apresentam reflexões que convergem para o que se propõe neste estudo.

1. EDUCAÇÃO: CAMINHO PARA A EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO, SOB A PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

Este capítulo está dividido em quatro pontos que nortearão a discussão, os quais serão descritos a seguir: *A Pedagogia da pergunta* (que aborda questões sobre a curiosidade enquanto desvelamento da criticidade, presente em cada indivíduo); *O opressor externo* (que trata especificamente da ação da camada social dominante sobre as camadas dominadas, evidenciando algumas de suas consequências); *O opressor interno* (que versará sobre o opressor que se “hospeda” no próprio oprimido, assim como as formas de manifestação da ação opressora que nele opera); e *O papel da educação no processo de emancipação do sujeito* (neste último ponto serão apresentadas considerações que a partir dos argumentos de Freire, tratarão sobre a educação enquanto prática que liberta).

Freire defende veementemente que a educação, sobretudo, enquanto prática dialética é o caminho para a libertação da consciência manipulada. Partindo desta premissa o presente estudo se ocupará de pôr em evidência as contribuições do referido autor acerca do processo de emancipação do sujeito mediante o que se pode chamar de pedagogia reflexiva.

É apoiado na pedagogia, enquanto mecanismo que conduz o indivíduo ao conhecimento, e com base nas experiências vivenciadas por meio da prática pedagógica que o Filósofo e Pedagogo Paulo Freire marca a história da educação brasileira, através de seus escritos. Um dos traços mais característicos das obras de Freire é a referência constante a uma prática pedagógica que seja dialógica e reflexiva, que segundo ele é indispensável ao processo de formação do sujeito. Suas ideias estão fundamentadas na defesa da consciência dominada e na busca da libertação desta, cujo caminho apresentado para tal é a educação. Não é por acaso que ele “deu à luz” a tantas obras que levam em seus títulos o vocábulo “*pedagogia*”.

Ao longo de seus escritos, Freire argumenta infatigavelmente sobre o *ajustamento* ou a *acomodação* do homem frente às imposições da sociedade; e aponta que o único meio para a superação desse estado de resignação é o reconhecimento de si mesmo enquanto ser condicionado, mediante a ação crítica (FREIRE, 1967, p. 44). Porém, sabe-se que o enfrentamento do sujeito em relação a sua condição marginalizada não se dá de forma automática, é necessário que algo ou alguém o impulsione, o desperte para tal. Neste sentido Freire defende uma educação que promova a inquietação no sujeito, que o instigue; que o provoque a refletir sobre o seu lugar no mundo, conforme se discorrerá a seguir.

1.1 A pedagogia da Pergunta

O ser humano é movido por uma inquietude que lhe é inerente, a curiosidade, sem a qual não haveria criatividade, e conseqüentemente a criticidade (FREIRE, 1996). A este respeito Freire argumenta que: “Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento”. (1996, p. 31). Quando se fala de conhecimento se refere a este em termos gerais, porém vale ressaltar que ao homem cabe o dever de conhecer-se a si mesmo, para que assim reconheça seu lugar no mundo.

Neste sentido vale dizer que para que o indivíduo chegue à conscientização da necessidade de libertar-se da opressão social, é preciso que passe por um processo de reflexão, que consiste no exercício do auto-questionamento, só assim alcançará o estágio da “consciência crítica”. A curiosidade crítica gera conhecimento, e este, por sua vez, abre caminhos para a liberdade. A este respeito Freire argumenta:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere e alerta faz parte integrante do fenômeno vital [...] Como manifestação presente a experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípua da prática educativa-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil [...] (1996, p. 17).

É, pois, partindo deste caráter filosófico que possui o pensar freireano que se faz imprescindível discorrer sobre a busca pelo autoconhecimento, que consiste no fato de o indivíduo tornar-se espectador de si mesmo – mas não do mundo em que vive, neste caso ele deve interagir, ser sujeito e não objeto, porque à medida que apenas observa o mundo, acomoda-se, ajusta-se, pois é na observação aos próprios atos, bem como à forma como reage às influências externas que o sujeito se reconhece.

Conforme relata Freire em uma de suas obras a partir de observações no contexto empírico, é ao descobrir-se ingênuo que o indivíduo torna-se “crítico” (FREIRE, 1987). É também no terreno das indagações em que se dá a descoberta do “eu” que Freire vai tratar a transcendência do ser, defendendo a *integração* em vez da *acomodação*, frente a um sistema marcado pela desigualdade e pela opressão, sobre o qual o indivíduo não só pode como deve

interferir a fim de modificá-lo (FREIRE, 1967). Para agir é necessário integrar-se. Neste sentido o autor declara:

Não houvesse esta integração, que é uma nota de suas relações, e que se aperfeiçoa na medida em que a consciência se torna crítica, fosse ele apenas um ser da acomodação ou do ajustamento [...] faltar-lhes-ia a marca da liberdade. Por isso, toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou acomodado [...]. (FREIRE, 1967, p. 42)

Esta integração da qual trata Freire, obviamente não é algo que ocorre tão facilmente, pois além requerer o exercício do reconhecimento do indivíduo enquanto ser calcado e oprimido pela sociedade lhe é indispensável o enfrentamento a tal condição. Melhor dizendo, é necessário que este sinta-se incomodado e levante-se da sua zona de conforto, pois para muitos é mais cômodo fingir não enxergar a realidade, do que ir de encontro a ela.

Daí o fato de Freire fazer menção a uma pedagogia dialógica e reflexiva, a qual deve confrontar o homem consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Dado este enfrentamento, algumas questões são dignas de atenção, pois pelo meio do caminho/processo há algumas armadilhas que podem fazer do homem, “presa” de si mesmo, como o receio à superação, por exemplo, bem como a falta de humildade e a “incredulidade” no próprio homem, conforme reflete o autor:

Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, soffro e definho? [...] Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? [...] Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de [...] criar e de recriar. Fé na sua vocação de ser mais [...] Sem esta fé nos homens o diálogo é uma farsa [...] (FREIRE, 1987, p. 46).

É neste sentido que a educação enquanto ato de liberdade contribui para emancipação do sujeito, ajudando-o a superar tais receios e a desconstruir estereótipos acerca de si mesmo e do outro. Conforme argumenta o autor, a educabilidade do sujeito consiste na sua “inserção num permanente movimento de busca em que curiosos e indagadores” não apenas se dão conta das coisas, mas também delas podem “ter um conhecimento cabal” (FREIRE, 1996, p. 41).

Cabe dizer, portanto, que o “fazer-se crítico”, é indissociável do “ser curioso”, pois na medida em que indaga, busca, interpela, o indivíduo encontra-se, e encontrando-se reage. Integra-se. Na sequência, se suscitará a discussão sobre algumas questões que interferem no processo de integração do sujeito na sociedade.

1.2 O opressor externo

A partir deste ponto serão abordadas questões que tratam da sobreposição de uma camada social, as “elites”, para com a outra, as “massas populares”, bem como as suas consequências. Freire é enfático ao falar do indivíduo e da sua participação na cultura, na história e no mundo. E diz que “a partir das relações do homem com a realidade [...] pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo” (1967, p. 43). Pode-se dizer que dessa intervenção do homem no universo surgem as relações de poder, tema bem frequente nos debates do autor. Não é raro encontrar em seu discurso os termos, *alienação*, *massificação*, *desumanização*, *domesticação*. Todos esses termos são utilizados com uma única finalidade: referir-se à forma como são tratadas as classes sociais desfavorecidas.

No transcurso das épocas, na medida em que se “organizam” as sociedades, o “homem simples,” como chama Freire, vai ajustando-se a um sistema injusto que sorrateiramente, e muitas vezes, em nome da cidadania e da igualdade, vai manipulando cada vez mais a “imersão” deste na “cultura do silêncio” (2013, p. 150), e assim a “falsa generosidade” se instaura, onde “a ‘ordem’ social injusta é fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria” (FREIRE, 1987, p. 17).

Como já dito, o domínio das elites sobre os oprimidos nem sempre é explicitamente agressivo aos olhos destes, é daí que surge o ajustamento ou a acomodação do indivíduo a tal condição. Ajustamento este que se dá nas seguintes condições: O opressor camuflado na farsa de defensor do oprimido faz do próprio ato de oprimir matéria de sua subsistência, criando entre este e ele um vínculo de dependência/dominação, dando a ilusória impressão de que ao estabelecer normas ou regras a serem cumpridas, em nome da “ordem” social e da tutela dos direitos, é ele um protetor ou zelador destes mesmos direitos. Como diz o autor, “os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça” (FREIRE, 1987, p.17).

No que se refere à condição das classes marginalizadas da sociedade sob a pressão das camadas superiores, observa-se que quanto menor os padrões de vida daquelas, maior será a coerção dos “extratos superiores” sobre elas “então consideradas desprezíveis, inatamente inferiores, na forma de uma casta de nenhum valor” (FREIRE, 1967, p. 86). Nesta perspectiva justifica-se a existência de preconceitos arraigados e impregnados de geração a geração. Esta

intolerância, por sua vez, fere a dignidade dos que, considerados desprezíveis, na falta de uma pedagogia dialógica e reflexiva, acabam por se convencer da sua insignificância e inutilidade inculcadas pela sociedade majoritariamente notada, eficiente e bem sucedida.

É, portanto, na luta contra essa opressão esmagadora, que Freire se faz patrono das classes oprimidas, dando voz aos emudecidos e nome aos “desconhecidos” da história, pois na medida em que denuncia o opressor, ele encoraja o oprimido a que através do posicionamento crítico, supere a opressão. Freire também fala do amor, o qual deve fazer-se presente no homem. É talvez movido por esse amor, colocando-se no lugar do outro, sentindo a dor do outro, num puro ato de empatia que ele traduz os sentimentos dos “desumanizados” com bastante propriedade.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem, sentirá melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, melhor que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta, que pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da generosidade [...] (FREIRE, 1987, p. 17).

Neste sentido se confirma a atitude de “apadrinhamento” de Freire para com os oprimidos, e quando se fala em apadrinhar é importante destacar que o seu posicionamento não cumpre o papel de vitimizar os marginalizados da sociedade, tampouco tratá-los como “coitadinhos”, pelo contrário, a intenção é que estes se re-conheçam e se re-descubram diante da avalanche de injustiças que os mantêm “soterrados”. Mais do que isso, é um empurrão contra a imobilidade, a fim de que os imobilizados lutem por autonomia e que de fato façam parte da sua história como partícipes e não apenas espectadores.

Desde os primórdios até os dias atuais, as elites são as que predominam em todos os aspectos, o que não significa dizer que aos oprimidos lhes reste apenas a opção de seguir permitindo-se domesticar, alienar e desumanizar. A eles é “dado” o direito de escolha: levantar-se contra tais forças opressoras em busca da sua liberdade; ou permanecer de braços cruzados consentindo toda sorte de abuso, melhor dizendo, ajustando-se a um sistema injusto, continuar “sendo expulso da órbita das decisões” (FREIRE, 1967, p.43).

Porém é sabido que para conquistar a autonomia em tal situação de condicionamento o indivíduo precisa passar por um processo de conscientização, o qual se dá por meio de uma educação libertadora, - um dos pilares no qual se fundamenta o pensamento freireano -

educação esta que o autor, em sua *Pedagogia do Oprimido*, chama de *educação autêntica*, sobre a qual ele faz uma importante observação, argumentando que “a educação autêntica não se faz de “A” para “B” nem de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”” (1987, p. 48).

Neste sentido cabe ressaltar que o autor se refere à relação entre educador/educando e vice-versa, e que nesta perspectiva, o conhecimento não deve ser depositado, tampouco imposto ao sujeito, mas com ele construído, só assim será possível uma educação autêntica e humanizadora. É também importante assinalar que o uso da preposição “com” no fragmento citado, não se emprega por acaso, pois possuindo a função gramatical de ligar, unir, juntar uma palavra a outra, neste contexto cumpre exatamente o papel de agregar uma parte à outra, portanto, conota a integração de professores e alunos em nome da construção do conhecimento, e não a imposição deste.

É nesta perspectiva de Freire sobre a educação, que se baseia a libertação do sujeito rumo à emancipação, pois só mediante uma educação reflexiva e dialógica na qual os elementos se fundam no propósito de somar para erradicar as divisões, será possível gozar de tal liberdade a que tanto se tem reportado e se reportará ao longo deste estudo. Outro fator que merece atenção neste processo de libertação é a conscientização de que a opressão a que vem se referindo neste capítulo, não se imputa apenas às atitudes cristalizadas das elites. Embora pareça contraditório, por diversas razões, o opressor pode encontrar-se entranhado no próprio oprimido, conforme será tratado na sequência.

1.3 O opressor interno

Neste ponto prossegue-se com a ênfase ao sujeito oprimido, porém, a partir de outra perspectiva. Embora trate com veemência a temática da ação direta das classes dominantes sobre as dominadas, Freire não deixa despercebido a presença do *opressor* atrelado ao próprio *oprimido*.

Conforme se observa nas obras de autor, especificamente em *Pedagogia do Oprimido*, se pode averiguar a presença do opressor no oprimido por diversos pontos de vista. Primeiro, pode ocorrer o que talvez se possa chamar de reflexo da opressão, quando o oprimido comporta-se como “hospedeiro” do opressor, conforme classifica o autor. Nesse caso, o sujeito movido pela ambição do *ter*, negando a si mesmo o direito de *Ser*, aspira galgar lugares mais altos, padrões de vida mais elevados. Tais anseios decorrem da sua cobiça em querer nivelar-se às classes “superiores”, implicando assim na sua alienação, pois na busca de

tais objetivos passa a incorporar o que Freire chama de “*dualidade*”, em que o indivíduo na condição de oprimido, mesmo que repudie a ação opressora, acaba reproduzindo-a. (FREIRE, 1987).

Outro tipo de manifestação do opressor no oprimido, conforme Freire é a “autodesvalia”, que consiste no fato de o indivíduo se enxergar com os “olhos” do opressor. Diz-se da dificuldade em definir a sua identidade enquanto *ser* autêntico diante das características com que lhe rotulam. Na medida em que recebe o tratamento despectivo, o indivíduo introjeta tais atributos, e acaba se convencendo de tal condição, reproduzindo então o seguinte discurso: que é incapaz, que não sabe nada e fala de si como o que não sabe e do “doutor” o que sabe e a quem deve escutar (FREIRE, 1987). Nesse caso o sujeito não se percebe, ao contrário, se anula, reafirmando a sua impotência e prostração perante o injusto sistema, tornando-se, assim cooperador do opressor, ou seja, ele se auto-oprime.

Nessa lógica cabe dizer mais uma vez que ao indivíduo falta-lhe a percepção de si mesmo e de seu lugar no mundo, que só acontecerá mediante o processo de libertação, que consiste na expulsão do opressor (FREIRE, 2013), o qual somente será possível mediante a consciência crítica, pois “é exatamente na assunção de sua vida conflitiva que o dominado rompe com o dualismo e se descobre a si e não quer ser o outro” (FREIRE, 2013, p. 33). Em defesa da consciência da auto-existência e a participação do indivíduo no mundo enquanto ser crítico e autêntico, Freire argumenta:

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. Seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Não posso me perceber como uma presença no mundo, mas ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do suporte a mundo nos coloca. Renuncio a participar a cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo. (1996: 31)

De acordo com o exposto, não só é importante o indivíduo perceber-se e admitir-se participe do/no mundo, mas, acima de tudo, conscientizar-se da importância da sua presença enquanto cooperação, de modo que implique o reconhecimento de si e de sua ação como conquista do *Ser Mais*, no que se refere a sua intervenção ativa na sociedade, visando à construção da autonomia, com a participação conjunta de todas as partes. Se não dessa forma, o ato de reconhecer-se no mundo resumir-se-ia a mera percepção, implicando, portanto, na

renúncia à integração, e conseqüentemente a adesão ao ajustamento, a acomodação, bem como a alienação do *ser*.

Ainda no cerne da questão o *opressor interno*, vale assinalar que Freire faz alusão também à existência do *opressor* dentro de um mesmo grupo de oprimidos que busca a libertação, que é o caso de haver em um determinado grupo um ou mais indivíduos que assumem a postura de líder no intento de lutar pela liberdade e humanização em comum, mas que no exercício desta função comporta-se contraditoriamente, agindo como o *opressor*; o que manda; o que detém o *poder*. Nesses casos falta o que o autor chama de “práxis revolucionária”, na qual não se admite a “divisão absurda entre a práxis da liderança e a das massas oprimidas, de forma que a destas fosse a de apenas seguir as determinações da liderança” (FREIRE, 1987, p. 70).

Neste contexto ocorre o que não é raro entre homens e mulheres, aliás, trata-se de algo que é recorrente, que se pode chamar de incoerência ou incongruência do ser humano, que consiste na incompatibilidade entre o que se diz e o que realmente se faz. Neste sentido, o oprimido, através da exposição oral, na maioria das vezes, bem elaborada e bonita, expressa a luta pela liberdade, mas no fundo a sua prática em nada condiz com o discurso. Esse fato Freire trata como divergência entre o discurso e a prática, acerca do qual faz uma importante observação quando diz que: “não é o discurso que valida a prática, é a prática que dá vida ao discurso” (2013, p 41).E segue:

Para continuar sendo um ser social e histórico, político e cultural no mundo, um ser que atua, que pensa, fala, cria, eu preciso exercitar ao máximo a diminuição da distância entre o que eu digo e o que eu faço. Esse exercício para diminuir a distância entre o meu discurso e a minha prática se chama *qualidade ou virtude da coerência*, sem a qual o trabalho pedagógico se acaba. Eu diria até sem a qual a gente se perde. (2013:192)

Neste ponto, Freire refere-se especificamente ao âmbito educacional, à prática pedagógica, na qual é indispensável este exercício. Porém, em termos mais abrangentes, é esta uma questão muito pertinente para que homens e mulheres de fato reflitam sobre o posicionamento crítico, imprescindível à conquista da autonomia, bem como ao processo de auto-emancipação.

É importante saber que o esforço de lutar pela liberdade não basta ser verbalizado, mas que a ação em si mesma deve exprimir o discurso, pois o autor argumenta que existem pessoas cuja coerência entre o seu discurso e a sua prática é tal, que sua vida em si já é um discurso. E acrescenta: “a tua prática é o teu discurso, é a tua palavra” (FREIRE, 2013, p. 41). Vale dizer que a assunção de tal postura é válida para o sujeito não somente no âmbito pedagógico, mas é uma prática necessária para a vida, uma vez que a incorporação e prática desta virtude dirão muito sobre o caráter do indivíduo.

Retomando ao que se refere à presença do opressor no oprimido, vale destacar a existência do indivíduo que, em consequência da ação opressora sobre ele, se sente culpado pela sua condição. Para ilustrar esse exemplo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, cita uma experiência por ele vivenciada em São Francisco, Califórnia, num contexto de assistência aos pobres, por meio de uma instituição católica, onde em um diálogo com uma mulher, a qual compartilhava com ele dos problemas que a oprimiam, e perguntando ele se ela era norte-americana, a mesma respondeu: “Não. Sou pobre” (1996, p. 50). A respeito deste episódio autor segue relatando:

[...] Respondeu como se estivesse pedindo desculpas à "norte-americanidade" por seu insucesso na vida. Me lembro de seus olhos azuis marejados de lágrimas expressando seu sofrimento e a assunção da cultura pelo seu "fracasso" no mundo. Pessoas assim fazem parte das legiões de ofendidos que não percebem a razão de ser de sua dor na perversidade do sistema social, econômico, político em que vivem, mas na sua incompetência[...] (1996: 50)

Embora o exemplo em destaque se refira a uma situação ocorrida no contexto “estrangeiro”, se sabe que é uma realidade muito presente também no Brasil e em qualquer lugar do mundo, pois não são poucos os indivíduos ou os grupos que se encaixam nesse exemplo. Não é raro ouvir alguém dizer que vive em determinada condição por “*ordem do destino*” ou porque essa é a “*vontade de Deus*” ou ainda que “*tem de padecer tudo calado porque pobre não tem vez*”.

Este é, portanto, o retrato da realidade nua e crua vivenciada pelos menosprezados da sociedade, que por “n” razões seguem renunciando aos próprios direitos, acomodando-se à injustiça, e, ainda que inconscientemente, quase que anestesiados, comungam com ela dia a dia. E “enquanto sentirem assim, pensarem assim e agirem assim, reforçam o poder do sistema. Se tornam coniventes da ordem desumanizante” (FREIRE, 1996, p. 50)

1.4 O papel da educação no processo de emancipação do sujeito

Todas as questões até aqui discutidas se referem a fatores que devem estar intimamente ligados à necessidade de uma prática pedagógica que vise à conscientização do indivíduo, no sentido de transformar, humanizar e despertar a sua criticidade, para que de fato, reconheça o seu papel no mundo.

Conforme já mencionado no início deste capítulo, o objetivo aqui proposto foi, além de tudo, tratar das questões que envolvem a ação das elites sobre as classes oprimidas, bem como a emancipação do sujeito mediante reflexões acerca da educação, enquanto prática reflexiva, enquanto pedagogia dialógica e progressista que, sob a ótica de Freire, promove possíveis caminhos para a construção do saber, assim como a conquista da autonomia do ser.

Como se sabe, uma das maiores lutas de Freire, tal como um dos seus maiores triunfos, se não o maior, foi contra o analfabetismo no Brasil. Neste sentido, parece cabível fazer uma analogia entre o processo de alfabetização no sentido de aquisição da linguagem, através de técnicas e métodos de ensino da leitura e da escrita (FREIRE, 1996) e a alfabetização no sentido de educar crítica e politicamente, ou seja, despertar no sujeito a consciência crítica, da qual se vem tratando ao longo deste estudo.

É interessante pensar a alfabetização nesta perspectiva “dual”, pois de igual modo ambos os processos somente serão possíveis através de uma ação pedagógica. Outro traço em comum entre a dualidade que aqui se estabelece é que o indivíduo ao ser alfabetizado, em termos de aprender a ler e a escrever, principalmente quando na idade adulta, ele sente uma sensação de independência, de autonomia. Nesse caso, remete-se ao resultado do que se vem tratando ao longo deste discurso, a que podemos chamar de “alfabetização política”, a qual proporciona ao “alfabetizado” crítica e politicamente a independência de que necessita para atuar no mundo. Dada a qualidade de ser política que a educação possui, Freire trata este aspecto como “politicidade” da educação (FREIRE, 2013), visto que a educação é em si mesma já uma prática política (2013, p. 40).

Em linhas gerais, pode-se dizer que a educação da qual trata Freire funciona como válvula de escape para aqueles que não querem permanecer na submissão e opressão social, mas é importante reforçar uma vez mais e tantas quantas forem necessárias, que a educação a que se refere este contexto, educação enquanto prática reflexiva e progressista deve ser *proposta* ao sujeito e jamais a ele *imposta*. Esse modelo de educação não deve prescindir de

jeito nenhum do diálogo, pois este constitui parte importante no processo educativo que objetiva a libertação do sujeito. Faça-se referência à concepção de Freire sobre o diálogo.

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1967:107)

A partir do exposto, pode-se inferir que o diálogo promove a integração, uma vez que funciona como “eixo de ligação” entre as partes que o compõem. Por isso o autor constantemente faz referência à educação enquanto prática dialógica, no sentido de orientar, de esclarecer, de promover a integração.

Neste sentido, não se pode deixar de mencionar a tolerância e o respeito como “ingredientes” que desempenham papel fundamental na construção do saber, sem os quais o insucesso é evidente. Portanto, a prática educativa deve ser entendida como um ato de amor, o que Freire chama de “amorosidade”. É importante salientar que o tratamento do professor para com o educando exige respeito, respeito “à sua curiosidade, à sua timidez”, e que aquele não deve agravar a este “com procedimentos inibidores”, o que exige de si “o cultivo da humildade e da tolerância” (FREIRE, 1996, p.40). Assim, Freire reflete:

Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. (1996:40-89)

Conforme se observa, o autor ressalta que para fazer parte do processo educativo como “compartilhador” de conhecimento é imprescindível ser flexível e estar aberto às diferenças, pois a prática docente ultrapassa as fronteiras do “saber por saber”, ou seja, não basta ser dotado de inteligência ou possuir um currículo recheado de títulos acadêmicos, é necessário haver uma mescla de tudo isso acrescida de afetividade. De acordo com Freire, a “experiência pedagógica possui a capacidade de despertar, estimular e desenvolver” nos educadores “o gosto de querer bem e o gosto da alegria, sem a qual a prática educativa perde o sentido” (FREIRE, 1996, p. 90).

Sendo a educação uma prática “estritamente humana”, Freire diz que jamais pode entendê-la “como uma experiência fria sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista” (FREIRE, 1996, p. 92). Dessa forma seria uma perspectiva “avessa” de educação. Este aspecto será abordado no capítulo seguinte, através das reflexões apresentadas por Unamuno, por meio da obra *Amor y Pedagogia*, que, em parte, faz referência ao processo educativo, a partir do ponto de vista egoísta e puramente metódico.

2. LITERATURA COMO CANAL DE REFLEXÕES, A PARTIR DE MIGUEL DE UNAMUNO

Neste capítulo não somente será tratado do tema educação a partir da análise sobre a obra de Unamuno como já foi mencionado, mas também se pretende refletir sobre o papel da literatura enquanto suporte para o leitor no que se refere a sua formação social, considerando as possibilidades e aberturas para outros saberes que esta proporciona.

A literatura precisa ser vista pelo caráter humanizador que possui. Uma das características que confirmam isto é o fato de que ela põe o conhecimento ao alcance de todos, sem distinção de raça, nem cor. Nessa perspectiva Cândido, citado por Neto, argumenta que se “vê no acesso à grande literatura uma forma de negar a estratificação social, as divisões de classe e de origem. As classes se solidarizam pelo direito de usufruir de todos os tipos de textos, sem as distinções de cultura erudita e popular [...]” (NETO 2012, p. 53).

Além disso, entre as várias funções que a literatura pode cumprir no que se refere ao desenvolvimento social do sujeito, ela desperta a capacidade de simbolizar, o que permite o deslocamento deste, rumo a outros horizontes. De acordo com Petit (2009), “a leitura pode ser em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria existência [...]”, pois “quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo” (PETIT, 2009, p. 71-72).

Desta preciosa arte se pode dizer que é um lugar de encontros; de chegadas e partidas, pois promove a aproximação entre pessoas e culturas. Dessa forma entende-se que a literatura é um “fenômeno de civilização” (CANDIDO 2006, p.21), visto que possui um caráter social, pois como já foi mencionado, esta desempenha fundamental papel na formação da conduta do sujeito.

A partir deste ponto se iniciará a análise sobre a mencionada obra literária de Unamuno. *Amor y Pedagogía* é uma obra que pertence ao gênero novela, da categoria tragicomédia do escritor Miguel de Unamuno, que nasceu em 29 de setembro de 1864 em Bilbao, Espanha e faleceu em 31 de dezembro de 1936 em Salamanca, Espanha.

A referida novela publicada em 1902 narra a história de um pai (*personagem Avito Carrascal*) obcecado pelo desejo de transformar seu filho primogênito (*personagem Apolodoro*) em um gênio, através de um processo educativo puramente lógico e racional. No intuito de alcançar seu objetivo ele conta com todo o conhecimento científico que possui e que possa existir.

Desprovido de afetividade o personagem Avito, além de impor ao filho o que deseja para o seu futuro, mostra-se também um homem machista que vê a mulher com quem se casou (*personagem Marina del Valle*) apenas como a “matéria” do gênio que ele deseja “fazer”. Sendo ela a *matéria* e ele a *forma*, conforme assinala em diversas passagens da obra, deduz-se que somente ele é capaz de instruir, pois leva consigo a convicção egoísta de que ele é que possui o saber.

No decorrer da trama surge um dos personagens mais importantes, em torno do qual gira o enredo, *Don Fulgencio Entrambosmares*, um velho filósofo que também atua como uma espécie de sábio conselheiro. É a ele que Avito recorre na tentativa de conseguir ajuda para transformar o garoto no desejado gênio. Através do personagem Fulgencio o autor traz importantes reflexões sobre a sociedade, o homem e seu lugar no mundo, desempenhando, assim o papel de um grande mestre.

Apesar dos esforços empenhados a fim de domesticar o seu gênio, Avito Carrascal tem seus planos frustrados, pois na medida em que se desenvolve o garoto, se percebe que em nada corresponde às expectativas do metódico e empedernido pai. Ao contrário do que espera Avito, Apolodoro não se interessa por nada do que lhe é imposto; em vez de teorias prefere as reflexões; em lugar de explicações científicas sobre a origem das coisas, opta pela poesia, que com entusiasmo descreve a beleza delas.

Ao fim das contas, os resultados são desastrosos, porém não cabe aqui descrever o desfecho desta trama por uma questão de zelo para com as expectativas do leitor, cabendo apenas registrar que ao final o gênio é “abortado”.

Um dos traços mais marcantes nesta obra de Unamuno é o fato de que ele concentra sua atenção nos conflitos íntimos de seus personagens, através dos quais expressa suas críticas e opiniões, de modo geral. A este respeito, vale fazer referência a Paulo Freire, cujo pensamento exprime sua visão de mundo e postura crítica frente aos problemas político sociais, a partir de suas próprias experiências enquanto homem, sobretudo, educador.

Partindo das características de cada personagem anteriormente mencionado, este capítulo se ocupará da exploração de tais características, de maneira análoga e simbólica, com a finalidade de refletir sobre a perspectiva de educação verificada na obra, bem como suscitar as demais reflexões acerca dos conflitos políticos e sociais que afetam a sociedade de modo geral. Neste sentido o capítulo será dividido da seguinte maneira: Avito Carrascal: *O método e a razão*; Marina del Valle: *A afetividade*; Apolodoro: *O oprimido*; Fulgencio Entrambosmares: *O grande mestre*; e Avito e Fulgencio: *Dois tipos de docente*

2.1. Avito Carrascal: O método e a razão

Conforme já assinalado, o referido personagem, diz-se de um homem aparentemente avesso a afetividade. Partindo do ponto de vista simbólico, o substantivo próprio *Avito* pode implicar a negação da vida, dada a existência do prefixo “a” que supõe ausência de algo, assim como o sufixo “vito” que remete a vitalidade, vital, vida. De igual modo o sobrenome *Carrascal*, além de remeter a *carrasco* (algoz, opressor), também se relaciona com *carrascas* (arbustos secos que se entrelaçam). Tais características já dão conta do perfil traçado por Unamuno para o personagem do alucinado pai que pretende, por meio de uma severa pedagogia, instruir o futuro gênio. Com isto, pode-se inferir que o autor, através do personagem queira chamar a atenção para a excessividade da consciência enquanto razão.

Certo dia em um diálogo com um amigo (*personagem Sinforiano*) sobre o plano de “criar” um gênio, Avito enuncia: <<*Tiempo hace que maduro un vasto plan para llevar a la práctica mis teorías, aplicando mi pedagogía sociológica in tabula rasa*>> (UNAMUNO, 190, p.20).¹

De acordo com o trecho citado, dois pontos específicos são dignos de atenção, a saber: a presença do verbo *aplicar* (no gerúndio) e a expressão latina *in tabula rasa*. Uma vez que *aplicar* significa “(colocar algo sobre; impor; sobrepor etc.)”; e o termo *in tabula rasa* “uma expressão latina que significa literalmente “tábua raspada”, e tem o sentido de “folha de papel em branco””, aludindo, assim ao modelo de educação combatido por Freire, a *educação bancária*, que além de desconsiderar os saberes próprios do indivíduo, coloca-o no lugar de

¹ Tradução nossa: Faz tempo que amadureço um grande plano para por em prática minhas teorias, aplicando minha pedagogia sociológica em tábua rasa.

espectador, quando na verdade deveria ser agente, sujeito do processo. Esta perspectiva de pedagogia não permite que o sujeito participe e interaja no processo de formação; mas que apenas “receba” de bom grado o que lhe é imposto. Seria, portanto, esta uma visão distorcida do que na perspectiva de Freire é a *educação libertadora e reflexiva*.

Nesta lógica, cabe dizer que o posicionamento de Unamuno é uma crítica ao modelo de educação vigente, bem como uma maneira de suscitar a reflexão acerca de tais padrões postos pela sociedade, já que destaca o caráter “sociológico” da pedagogia.

Ainda sobre a questão “*aplicar teorias em tábua rasa*”, saliente-se que educar não se restringe a instruir, pois como já argumentado no primeiro capítulo deste estudo, tomando por base os argumentos de Freire, diz-se que educar deve ser antes de tudo um ato de amor, bem como o exercício constante da tolerância. Neste sentido o espaço pedagógico deve acolher as diferenças, assim como priorizar a cooperação de educandos com educadores, no intuito de somar, para que se efetive o processo educativo formador. Do contrário, a prática pedagógica torna-se uma prática egoísta e sem sentido, com pouco ou nenhum fruto ao fim das contas.

Estando já casado e tendo posto em prática o seu plano (Marina se encontra grávida), Avito continua a esbanjar autoritarismo. A estupidez é tal que proíbe que a infeliz criatura reaja com tristeza às imposições absurdas, ou que exprima a sensibilidade que é inerente ao estado em que se encontra (a gravidez), e cuidando que desde o ventre o gênio seja mecanicamente instruído, ele então determina: << No le quiero sentimental. Un sentimental no puede ser buen sociólogo >> (UNAMUNO, 1902: 43).² E acrescenta: << La educación empieza en la gestación [...] en la concepción misma... Antes, muchos antes, vinimos educándonos *ab initio* [...] >>³ (UNAMUNO, 1902, p. 43).

Após meditar sobre esta concepção de educação expressa pelo autor através do personagem, vale salientar uma vez mais que na prática pedagógica é indispensável o amor e a alegria em fazê-la. É importante salientar também que a educação, antes de tudo, é uma especificidade humana (FREIRE, 1996), em que se devem combinar métodos e sentimentos, pois nem só de técnicas e tampouco só de amorosidade se faz educação, mas da combinação de ambos os elementos, conforme já foi argumentado no primeiro capítulo.

² Tradução nossa: Não lhe quero sentimental. Um sentimental não pode ser bom sociólogo

³ Tradução Nossa: A educação começa na gestação [...] na concepção mesma... Antes, muito antes, viemos nos educando desde o início [...].

No que se refere ao tratamento abusivo de Avito para com sua esposa Marina e seu filho Apolodoro, é possível enxergar nas entrelinhas, quem sabe, a cólera que toma o autor, que expressa o seu posicionamento crítico acerca da desumanização do indivíduo mediante a ação agressiva da sociedade injusta. A ideia de opressão encontra-se estampada por toda a trama. Para ilustrar o que foi dito segue a citação:

<<Carrascal vigila la evolución del pequeño salvaje, meditando en el paralelismo entre la evolución del individuo y la de la especie, ó como decimos entre la ontogenia y la filogenia. «Su madre le hará fetichista — se dice — ¡no importa! Como la especie, tiene el individuo que pasar por el fetichismo; yo me encargaré de él. Ahora, mientras siga siendo un invertebrado psíquico, un alma sin vértebras ni cerebro, allá con él su madre, pero así que se le señale la conciencia reflexiva, así que entre en los vertebrados [...] le tomo de mi cuenta.>> (UNAMUNO, 1902, p.57-58).

(Carrascal vigia a evolução do pequeno selvagem, meditando no paralelismo entre a evolução do indivíduo e a espécie, ou como dizemos entre a ontogenia e a filogenia. Sua mãe lhe fará fetichista –disse para si mesmo- não importa! Como a espécie o indivíduo tem que passar pelo fetichismo; eu me encarregarei dele. Agora, enquanto segue sendo um invertebrado psíquico, uma alma sem vértebras nem cérebro [...] Assim que der sinal da consciência reflexiva, assim que entre para os vertebrados, [...] lhe tomo por minha conta) (UNAMUNO, 1902, p.57-58).

Observe-se que a fala do personagem está marcada pela agressividade das palavras para com o indivíduo, chegando a compará-lo a um animal, incapaz de raciocinar. Este pequeno excerto da obra é capaz de transmitir uma imensidão de reflexões, e é impossível não relacionar à ação opressora da sociedade que opera sobre os oprimidos. Pois é exatamente assim, como “invertebrados psíquicos” que são tratados os “iletrados”, os desfavorecidos. Tal condição facilita para que permaneçam servindo de massa de manobra.

Por isso, como já mencionado, há a necessidade de uma educação que provoque e que instigue a postura crítica do sujeito. Quanto à literatura, pode contribuir positivamente com este processo de conscientização. Portanto, faça-se notória a importância da leitura, sobretudo literária, para que o leitor se reconheça como ser histórico e se redescubra enquanto sujeito, agente de sua própria história. Pois para Neto (2012, p. 43) “A literatura é matéria-prima que dará origem a um produto sofisticado, a crítica”. Neste sentido, a leitura funciona como suporte na construção da identidade do sujeito, visto que pode ajudá-lo a ser mais autônomo “e não apenas objeto de discursos repressivos ou paternalistas” (PETIT, 2009, p.19).

No que se refere à postura do autor em relação à mensagem que emite através do personagem, reforçando o que se foi posto em discurso anteriormente, traz uma reflexão sobre o interesse no “adestramento” do sujeito para que se perpetue a cultura da submissão e passividade diante dos jogos de interesse e de poder. Esta ideia fica clara no episódio em que

Avito referindo-se a Marina enquanto ser ingênuo e incapaz, diz consigo mesmo: << Debería leerle algo de embriología; que sea consciente de lo que hace... ¡pero no! Que sea inconsciente, así saldrá mejor... >>⁴ (UNAMUNO, 1902, p. 44).

Conforme se tem mencionado, esta parte do estudo se ocupa de apresentar informações importantes sobre o personagem Avito Carrascal, bem como destacar sua conduta no que diz respeito à relação que se pode fazer com a figura do educador, salientando que suas ações remetem ao método no seu sentido mais restrito, revestido apenas de tecnicidade. Para ilustrar este argumento cabe citar um fragmento da obra:

<<Y Apolodoro va aprendiendo, bajo la dirección técnica de su padre, el manejo del martillo de su puño, de las palancas de sus brazos, de las tenazas de sus dedos, de los garfios de sus uñas y de las tijeras de los recién brotados dientes [...] Su padre, sin embargo, se dedica un rato todos los días a frotarle bien la cabeza por encima de la oreja izquierda para excitar así la circulación en la parte correspondiente a la tercera circunvolución frontal izquierda al centro del lenguaje, pues algo de la excitación ha de atravesar el cráneo y ayudar al niño a romper a hablar>> (UNAMUNO, 1902:59)

(E Apolodoro vai aprendendo, sob a direção técnica de seu pai, o manejo do martelo do seu punho, das alavancas de seus braços, das pinças de seus dedos, dos ganchos de suas unhas e das tesouras dos recém brotados dentes [...] Seu pai, porém, dedica um tempo todos os dias para esfregar bem sua cabeça acima da orelha esquerda para exercitar assim a circulação na parte correspondente à terceira circunvolução frontal esquerda, centro da linguagem, pois a excitação deve atravessar o crânio e ajudar o garoto a começar a falar) (UNAMUNO, 1902:59).

Observando a descrição das cenas é impossível conter o riso, porém, o que tem de cômico tem de trágico. É impressionante a maneira com que o metódico pai conduz o filho, pode-se dizer que o excessivo teor de ciência e razão é tal que chega a “coisificar” a criança. Com isto, é possível vislumbrar a expressão irônica do autor; ao passo que descreve a forma como se “descobre” a pequena criatura, mediante as instruções técnicas do pai; bem como as associações grotescas que faz entre partes do corpo e instrumentos metálicos, passa a ideia de deformidade. Trazendo para o âmbito das reflexões acerca da educação, se pode aludir aos efeitos causados pela sociedade no indivíduo, bem como à prática pedagógica conduzida friamente que, em vez de contribuir para o desenvolvimento do sujeito, contribui para a sua decadência moral e social.

⁴ Tradução Nossa: Deveria ler para ela algo sobre embriologia; para que seja consciente do que está fazendo... Mas não! Que seja inconsciente, assim será melhor [...]

Nesse sentido vale referenciar uma vez mais a Freire, que reprovando a postura autoritária do educador, argumenta: “a autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar-se” (FREIRE, 1996, p. 56-57). Em contraposição a esse perfil do docente, Freire defende a prática pedagógica como uma *especificidade humana*, cuja função principal é permitir que o educando assuma eticamente a responsabilidade de suas ações, para que ocorra a conquista da liberdade (FREIRE, 1996).

A partir da simbologia Avito/método foram apresentadas questões relacionadas à prática pedagógica, sobretudo, à postura do professor. Note-se que o modelo de docente representado pelo personagem Avito discrepa do modelo proposto por Freire, que enfatiza que a educação não se restringe ao método, puramente. O próximo tópico deste capítulo versará sobre o oposto do que se tratou nesse primeiro momento, tomando como base as características da personagem Marina del Valle, que dentro da temática que se propôs neste estudo, representa a afetividade.

2.2 Marina del Valle: a afetividade

A personagem Marina, é uma mulher submissa e passiva, que em quase toda a trama, cumpre o papel de uma mera *procriadora*, por assim dizer. A ela é negado todo e qualquer direito, inclusive o de exercer a sua maternidade. A negação do seu direito de participação na família é tal, que para mencionar a personagem durante as citações, quase sempre será necessário recorrer à fala do chefe- Avito. Conforme foi exposto, Avito é quase que um corpo sem alma, vazio, totalmente oposto de sua esposa que transborda em amor e ternura, sentimentos nos quais ela se afoga pouco a pouco. Por isso, do ponto de vista simbólico se escolheu a *afetividade* para representar a mártir figura de Marina.

Conforme citado anteriormente, Marina é impedida de sequer externar o afeto pelo filho, isso fica confirmado no excerto a seguir: <<No le beses, no le beses así, Marina, no le beses; esos contactos son semilleros de micróbios >>⁵ (UNAMUNO, 1902, p. 56). Os micróbios a que Avito se refere, não são microrganismos, mas é o termo que ele usa para se referir a toda

⁵ Tradução Nossa: Não o beijos, não o beijos assim, Marina. Não o beijos; esses contatos são semeadores de micróbios

sorte de sentimento, pois para ele, uma vez que Marina “impregnasse” o garoto com afagos e carinho, estaria atrapalhando o processo de criação do gênio. O qual deveria ser instruído única e somente por meio da ciência, portanto, imperava a razão.

É curioso observar que em quase todas as cenas em que Marina aparece se tem a idéia de que o ambiente da casa mais habitado por ela é o quarto, pois nos raros momentos em que a mesma se pronuncia, logo após o narrador utiliza expressões como: <<[...] Y recae en el sueño [...] Adéntrase aun más en el sueño [...] [...] Marina, la madre, la pobre matéria soñolenta [...] >>⁶ (UNAMUNO, p. 56-129). Este detalhe, não diferente dos demais, cuidadosamente postos pelo autor na narrativa, propõe ao leitor certas deduções, a saber: em primeiro lugar, se pode inferir que o autor esteja chamando a atenção para a desvalorização da figura feminina, que certamente era muito mais presente nas sociedades daquela época (1902), a propósito, esta hipótese fica confirmada pelo tratamento de Avito para com Marina por quase toda a trama⁷.

Em segundo lugar, é possível depreender do estado de sonolência apresentado pela personagem, que faça referência ao estado de resignação em que homens e mulheres muitas vezes se encontram mediante a força alienadora de certa camada da sociedade, conforme já foi tratado no primeiro capítulo deste estudo. Na perspectiva desta proposta, tal estado só será superado a partir do momento em que o sujeito afetado seja despertado e estimulado a reagir contra as forças que lhe oprimem, neste sentido, faça-se referência à concepção de educação proposta por Freire, *libertadora* e *progressista*. Educação esta que visa “desafiar os grupos populares para que percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta [...]” (FREIRE, 1987, p. 47).

Continuando com a análise e as reflexões sobre a personagem em destaque, saliente-se que a ela (Marina) foi atribuído somente o papel de genitora do gênio que se pretende fazer, sendo tratada por Avito apenas como a *matéria*, ou seja, nada do que venha dela será útil para o garoto, nem mesmo o amor, conforme se verá na citação a seguir.

<<El amor! El pecado original, la mancha originaria de mi hijo; Oh. Que simbolismo más hondo encierra eso del pecado original! No me va a resultar genio;

⁶ Tradução Nossa: [...] E cai no sono [...] Aprofunda-se ainda mais no sono [...] [...] Marina, a mãe, a pobre matéria sonolenta.

⁷ Quando se diz por quase toda a trama, é porque em um determinado momento já no fim na narrativa, Avito se dá por vencido e chora no colo de Marina, nesta cena é possível ver, ainda que ligeiramente, uma inversão de papéis, ou melhor, os papéis se tornam equivalentes.

Tengo que vencer en mi hijo toda la inercia que de su madre ha heredado [...] He fiado con exceso en la pedagogía, he desdeñado la herencia y la herencia se venga... La pedagogía es la adaptación, el amor la herencia, y siempre lucharán adaptación y herencia [...] >>(UNAMUNO, 1902, p. 87)

(O amor! O pecado original, a mancha originária do meu filho! Oh, que simbolismo mais profundo contém isso do pecado original! Não me vai sair um gênio; [...] Tenho que vencer em meu filho toda a inércia que herdou de sua mãe [...] Confiei demais na pedagogia, desdenhei da herança e a herança se vingou... A pedagogia é a adaptação, o amor a herança, e sempre lutarão adaptação e herança [...]) (UNAMUNO, 1902, p. 87).

De acordo com o que se vê no excerto da obra, nesse ponto da narrativa o personagem Avito se dá conta de que apesar de seus esforços em apresentar ao seu filho o mundo pela ótica da ciência, não há sinal de que o garoto corresponda às suas expectativas, neste caso, resta-lhe imputar a culpa à pobre matéria por ter lhe dado por herança o amor, que segundo ele seria um empecilho na formação do gênio. Para Avito o garoto deveria ser exatamente como havia falado antes do seu nascimento, como uma tábua rasa, ou um papel em branco, para que fosse moldado conforme havia planejado. Para ele não há conexão entre amor e pedagogia, ou seja, entre a emoção e a razão.

Conforme foi dito, Marina pouco aparece nas cenas, razões pelas quais também já foram comentadas. Neste sentido, cabe encerrar este tópico tecendo o seguinte comentário: Assim como Avito que não obtém êxito na educação que pretende para o seu filho por prescindir de flexibilidade; Marina por sua vez, embora transborde em amor e bondade, também nada pode fazer para mudar o destino do garoto, pois a ela lhe faltam o posicionamento e a autonomia necessários para o enfrentamento dos conflitos familiares.

Levando essa discussão mais uma vez para o âmbito educacional, é válido dizer que também não basta ser amoroso, mas que deve haver uma justa posição entre amorosidade, formação científica e postura política do educador para que a prática pedagógica produza resultados exitosos. Pois “não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras”. (FREIRE, 1996, p. 90).

2.3 Apolodoro: O oprimido

Conforme já se vem tratando sobre este personagem através dos demais, ao longo desta sessão, se dispensam apresentações detalhadas. Contudo, é válido ressaltar que se trata do personagem central da obra, e a quem o pai pretende transformar em gênio. De acordo com tudo o que já foi exposto e que ainda se apresentará sobre a ação autoritária de Avito sobre Apolodoro, não poderia ser utilizado outro substantivo além deste (*oprimido*) para se efetivar a análise simbólica, a qual se vem fazendo sobre cada personagem.

Desde o princípio, o vínculo que liga pai e filho é marcado pela relação de poder. Visando ao ‘adestramento’ do garoto, Avito se ocupa cronometricamente de cada segundo da sua rotina. Tal argumento será ilustrado na citação que se segue:

<<Apolodoro [...] Ya destetándose ya con mezcla de pesar y agrado por parte de Marina. Le hace comer su padre a reló, á tal hora y tantos minutos, pesando la comida que le da y luego le pesa á él, tres veces al día. La higiene y la educación física ante todo; por ahora hay que hacer un buen animal y tupirle de habas; fósforo, mucho fósforo>> (UNAMUNO, 1902, p. 75).

([...]) Seu pai lhe faz comer marcado por relógio, a tal hora e tantos minutos, pesando a comida que lhe dá, e lhe pesando em seguida, três vezes ao dia. A higiene e a educação física em primeiro lugar; Por enquanto tem que fazer um bom animal e entupir-lhe de feijões; fósforo, muito fósforo) (UNAMUNO, 1902, p. 75).

A forma como estão postas as palavras que descrevem tal rotina revelam um rigor tal, que possibilitam “ouvir” o ressoar metódico impregnado em tudo o que cerca Apolodoro, de forma que só de se imaginar surge como marteladas ao pé do ouvido. Na medida em que o narrador vai descrevendo as cenas, é possível vislumbrar quão sufocantes são os rituais de cada dia para o pobre garoto, assim como para sua mãe, que, embora sofra, assiste a tudo, inerte. Este pequeno fragmento da obra já é o bastante para que se possa sentir a supressão dos direitos e a total imposição de um sujeito sobre o outro.

O excerto que se apresentará a seguir narra um diálogo entre Apolodoro e seu pai. Nele há uma amostra de absoluto egoísmo que certamente é principal marca da despótica personalidade de Avito Carrascal.

<<—¡Papá, quiero ser general! Exclamación que cae como un bólido en sus meditaciones.
— No, hombre, no; no puedes querer eso... te equivocas, hijo mío... ¿Quién te ha enseñado eso?¿quién te ha dicho que quieres ser general[...] No, Apolodoro, no; mi hijo no puede querer eso... interpretas mal tus propios sentimientos... [...]>> (FREIRE, 1902, p. 89).

(— Papai, quero ser general! Exclamação que cai como um meteorito em suas meditações.
 —Não, homem, não; não podes querer isso... Está enganado, meu filho. Quem te ensinou isso? Quem te disse que queres ser general? [...] Não, Apolodoro, não, meu filho, não podes querer isso... Interpretas mal teus próprios sentimentos... [...])
 (UNAMUNO, 1902, p. 89).

Deste pequeno fragmento da obra é possível extrair reflexões que dialogam com diversos aspectos inerentes ao indivíduo e sua vida em sociedade. A começar pela supressão do direito de escolha e de decisão, neste caso tanto se pode pensar no âmbito da educação sistemática, no que tange ao respeito e ao acolhimento das diferenças, das escolhas etc.; Quanto na esfera familiar, sendo esta também um ambiente onde se dá o processo educativo (informal).

Neste último caso tal relação se instaura partindo de uma questão que é recorrente em quase todas as famílias, que é o fato de os pais quererem decidir sobre o futuro dos filhos, lhes tomando assim a liberdade de escolha e impondo os projetos que eles mesmos traçaram. Tais atitudes mostram que os pais que agem dessa maneira, buscam superar suas frustrações através dos filhos, ou seja, se projetam neles, para, quem sabe, alcançar o que não conseguiram para si. Neste sentido é válido salientar que, por meio de uma educação transformadora, o indivíduo afetado é encorajado a se posicionar diante de questões dessa natureza, de modo que exerça a sua autonomia.

Outro aspecto que se pode observar a partir desta conversa⁸, diz-se da repressão à fala do outro, neste sentido se pode aludir uma vez mais ao contexto escolar, no que concerne à relação professor/aluno, pois se sabe que embora haja nos dias atuais alguma mudança quanto a isso, ainda existem situações em que o aluno não tem vez nem voz na sala de aula, nesses casos este deve contribuir somente com a sua passividade, ou seja, recebendo e reproduzindo o que lhe é transferido. Tal prática é intensamente combatida por Freire, que diz:

[...] Ensinar não é fazer um pacote de conhecimento, trazê-lo na maleta da gente, descer para sala com um cuidado danado, agarrando a mala, chegar à sala de aula, encontrar os alunos sentadinhos, abrir a maleta e ir despejando de cima para baixo os pacotes de conhecimento, esperando que a tarefa dos alunos seja apenas comer, engolir os conhecimentos e, depois, que a digestão seja exatamente a de, mecanicamente, memorizar ou decorar o conteúdo transferido para o aluno em postura passiva. Ensinar não é isso. (FREIRE, 2013, p. 184).

⁸ Conversa, entre aspas, porque note-se que a sentença que o garoto profere consiste em quatro palavras apenas, <<Papai quero ser general>>, a qual se segue por uma chuva de palavras culminando com todo um discurso repressivo do pai.

Não há dúvidas de que nas palavras do filósofo e pedagogo abundam clareza e transparência, dispensando-se, portanto, qualquer tipo de esclarecimento. Porém, entende-se a necessidade de comentar sobre um pequeno trecho contido na citação em destaque, visando propor uma reflexão a mais no que se refere ao posicionamento do educador para com o educando. Diz-se do seguinte fragmento: <<abrir a maleta e ir despejando de cima para baixo os pacotes de conhecimento>> A expressão <<de cima para baixo>> evoca certa ironia por parte do autor, uma vez que sugere a soberba separação que se costuma fazer, sobretudo, na concepção de educação bancária, na qual se classifica o educador como o “maior” e o educando o “menor”.

Dessa forma entende-se que o autor possivelmente pretenda dizer que o saber é algo que se constrói, e essa construção só será possível a partir de um trabalho em conjunto, de forma que haja não a desvalorização dos papéis, mas a co-participação de todos no processo. Pois conforme ele mesmo argumenta “É importante perceber que a cumplicidade não nivela. Ela significa lidar com a diferença de forma respeitosa e democrática. (2013, p.227). Em outro momento Freire diz: “[...] você não pode separar o ensinar do aprender; é impossível compreender a prática do ensinante sem compreender a prática do aprendiz – são momentos de um único processo [...]” (2013, p. 180-181).

Continuando com a análise sobre o personagem Apolodoro, que agora, já desfrutando das emoções inerentes à adolescência, experimenta uma viagem pelo universo da paixão. Essa fase da sua vida também é marcada pelo fato de conhecer a Hidelbrando F. Menaguti, mas conhecido por Menaguti, um inspirado poeta, que vai, a partir de então, contribuir para que o *eu poético* que há em Apolodoro seja ocultamente despertado, conforme consta no excerto a seguir: <<Hay que hacer obra de amor, obra de arte; no hay más genio que el genio poético. Haz poesía, Apolodoro>>⁹ (UNAMUNO, p. 122).

Certo de que a reação do seu pai seria de total repúdio caso descobrisse da sua afeição pela literatura, Apolodoro então passa a viver mais sufocado ainda naquele ambiente hostil. Durante a noite, refugiado em seu quarto ele alimenta ocultamente a sua angustiada alma, através das poesias que lê: << [...] Suele leer de alguno de esos libros que le ha dejado Menaguti y que á hurtadillas de su padre se lleva consigo y que esconde bajo la almohada>>¹⁰ (UNAMUNO, 1902, p. 122).

⁹ Tradução Nossa: Tem que fazer obra de amor; obra de arte; não há mais gênio do que o gênio poético. Faz poesia, Apolodoro.

¹⁰ Tradução Nossa: [...] Costuma ler algum desses livros que Menaguti lhe emprestou, que escondido de seu pai leva consigo e esconde debaixo do travesseiro.

Para dom Avito, o fato de seu filho, a quem ele tanto deseja transformar em gênio, despertar o interesse pela poesia, é um disparate.<<¿Versos? ¿versitos, hijo mío? — exclama su padre al sorprendérselos [...]>>¹¹ (UNMUNO, 1902, p. 128).

Partindo do que foi exposto neste último parágrafo, se pode fazer menção ao papel da literatura enquanto refúgio, pois se observa que naquele contexto o oprimido jovem recorre à poesia como um escape, uma forma de se transportar para outro mundo, experiência pela qual pode sentir o gosto da liberdade, ainda que subjetivamente. No que se refere a essa característica que a literatura possui enquanto possibilidade de refúgio, segundo Cadermatori (2012), uma das razões pelas quais o indivíduo se torna adepto da literatura é o escapismo, pois se busca na leitura literária uma forma de escapar dos conflitos do mundo que o cerca (CADERMATORI, 2012, p. 21).

Neste sentido, Unamuno apresenta ainda outra questão relacionada à necessidade de escapar de situações conflitantes da vida, que é através do sono. Segundo consta no subtópico que trata das características da personagem Marina, é possível inferir que na maior parte do tempo ela se encontra em estado de sonolência. Para abordar tal questão, naquele contexto se escolheu aludir ao estado de resignação do indivíduo perante as injustiças da sociedade.

Conforme será exposto mais adiante, em determinados momentos Apolodoro também recorre ao sono como forma de escape:

<<Con qué ansia coge Apolodoro la cama, por las noches! Son entonces sus auroras, las fiestas de su alma. Recógese al frescor de las sábanas, acurrucadito, como estuvo, antes de nacer, en el vientre materno, y así, en postura fetal, espera al sueño, al divino sueño, piadoso refugio de su vida y tierra firme en que recobra ganas de vivir>>(UNAMUNO, 1902, p. 123).

(Ansioso, Apolodoro toma a cama pelas noites! São então suas auroras as festas da sua alma. Recolhe-se ao frescor dos cobertores, acorradinho, como esteve antes de nascer no ventre materno, e assim, em postura fetal espera o sono, piedoso refúgio de sua vida e terra firme em que recupera a vontade de viver)(UNAMUNO, 1902, p. 123).

A cena que se apresenta, carregada de simbolismos, permite que se faça a seguinte leitura. Considerando a pesada vida que leva Apolodoro, sempre na contramão em relação aos planos traçados por seu pai, entende-se que viver tornou-se um tormento para ele. Como tudo lhe é proibido, inclusive ser ele mesmo, a única forma que encontra para esquivar-se, ainda

¹¹ Tradução Nossa: Versos, versinhos, meu filho? Exclama seu pai ao descobri-los [...].

que por momentos da tão dura realidade, é através do sono e, quem sabe, dos sonhos. É como se ele tivesse uma vida paralela. Ou ainda, é como se lá no mundo dos seus sonhos existisse uma fonte de onde ele consegue tirar alguma força para seguir vivendo.

Sendo a sua vida já a morte em si mesma, Apolodoro dorme para poder viver, pois segundo o narrador <<El sueño es la fuente de la salud, porque es vivir sin saberlo. [...] No sabe que vive el que duerme>>¹² (UNAMUNO, p. 124).

Conforme se argumentou anteriormente, tudo o que não pertence ao mundo pragmático e metódico de Avito resulta em negação para Apolodoro. Na trama há dois acontecimentos que “tiraram o chão” do grosseiro pai, a saber, descobrir sobre a inclinação do garoto pelas artes, em particular a poesia, e saber que o mesmo havia se apaixonado, pois para ele isso indica um péssimo sinal, visto que admitir tais coisas aponta para a iminente ruína do seu tão sonhado projeto.

Ao passar dos anos o jovem se dá conta de que tudo a sua volta vai mal, para ele nada funciona. Frustração e tristeza tornam-se cada vez mais companheiros assíduos na sua dura jornada, pois a válvula de escape que ele havia descoberto através da paixão e da literatura acaba por falhar, resultando em mais uma desilusão. Inspirado pelo efeito do amor e estimulado pelo amigo e poeta Menaguti, Apolodoro escreve um conto, o qual ao ser publicado repercute negativamente, culminado com o fracasso do pretendente a gênio literário, quem sabe. No que se refere à vida amorosa Apolodoro se apaixona por uma garota (Clarita) comprometida, a qual por um tempo até lhe dá esperanças, mas ao fim opta por seu noivo (Federico).

Ao refletir sobre a sucessão de fracassos e a atormentada vida que leva, o jovem chega a uma conclusão: <<Soy un genio abortado; el que no cumple su fin debe dimitir... Dimito, dimito, me mato>> (UNAMUNO, 1902, p. 177).>¹³ Observa-se que nesse estágio, o rapaz já não é mais tão passivo o quanto se mostra antes, pois ainda que não possa fazer muito para mudar a realidade, o fato de reconhecer sua condição já indica que ele passa por um processo de transformação interior, pois em sua expressão é possível enxergar um fragmento de autonomia. Isto se confirma ainda mais no diálogo que se segue:

<<— [...] A ciência? [...] E para que quero a ciência se não me faz feliz?
— Não te gerei nem te criei para que fosses feliz.
— Ah!

¹² Tradução Nossa: O sono é a fonte da saúde, porque é viver sem saber. [...] Não sabe que vive aquele que dorme.

¹³ Tradução Nossa: Sou um gênio abortado; o que não cumpre seu fim deve renunciar... Renuncio, renuncio, me mato.

— Não te fiz para ti mesmo.
 — Então, para quem?
 — Para a humanidade!
 — A humanidade? E quem é essa senhora?
 — Não sei se temos ou não o direito à felicidade própria.
 — Direito? Mas sim, a destruir a alheia, a dos filhos, sobretudo.
 — E quem mandou você se apaixonar?
 — Quem? O amor! Ou se preferires, o determinismo psíquico, esse que me tens ensinado>>.

“— [...] ¿La ciencia? [...] Y para qué quiero la ciencia, si no me hace feliz?
 — No te engendre ni te crié para que fueses feliz.
 — ¡Ah!
 — No te He hecho para ti mismo.
 — Entonces, ¿para quién?
 — ¡Para la humanidad!
 — ¿La humanidad? ¿Y quién es esa señora?
 — No sé si tenemos ó no derecho á la felicidad propia.
 — ¿Derecho? Pero sí á destruir la ajena, ¿Derecho? Pero sí á destruir la ajena,
 —¿Y quién te ha mandado enamorarte?
 — ¿Quién? El Amor, ó si quieres el determinismo psíquico, ese que me has enseñado”.(UNAMUNO, 1902, p. 181-182)

No parágrafo anterior, a reflexão que se fez sugere uma pequena, mas significativa mudança no que se refere à postura do personagem Apolodoro. Já no diálogo que se tem exposto é possível observar uma progressão nesse sentido, pois ao passo que exercendo sua autoridade Apolodoro confronta o autoritarismo de Avito. Além disso, a sua fala está marcada por certo tom sarcástico, conotando assim o posicionamento crítico frente à opressão.

Por meio dessa situação de enfrentamento, na qual o personagem até então, oprimido, parece emergir de tal situação, é possível inferir que dita emersão se deva ao fato de Apolodoro haver conhecido a literatura. Neste sentido faz-se notório o papel que a referida arte desempenha na formação social do sujeito, pois conforme Petit “[...] a literatura desperta o espírito crítico, que é a chave de uma cidadania ativa [...]” (2009, p.27). A mesma autora em outro momento argumenta: “Mesmo que a leitura não faça de nós escritores, ela pode, por um mecanismo parecido, nos tornar mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas” (PETIT, 2009, p.36-37).

Como foi dito no início deste capítulo, em respeito à curiosidade e às expectativas do leitor em relação à obra, será preservado o desfecho da trama, por isso não será possível continuar discorrendo sobre o personagem Apolodoro. Cabendo apenas revelar que a atitude final que ele toma, apesar de drástica, é em si um ato de autonomia.

2.4. Fulgencio Entrambosmares: O grande mestre

A característica mais marcante do personagem dom Fulgencio são os *aforismos*, uma sorte de provérbios que ele costuma formular, pois como bom filósofo que é, o velho sábio cataloga uma infinidade de profundos pensamentos e dizeres.

Ao introduzir o personagem na obra, o narrador descreve com riqueza de detalhes o ambiente em que este passa a maior parte do tempo - seu escritório. Conforme já dito, trata-se de um personagem profundo, e tudo o que lhe cerca diz muito a seu respeito. Dessa forma, destaque-se, inicialmente, a descrição que dará forma a impactantes imagens:

«Tiene en su despacho, junto a un piano, un esqueleto de hombre, con chistera, corbata, frac, sortija en los huesos de los dedos y un paraguas en una mano y sobre él esta inscripción: *Simia sapiens*, y al lado un desnudo esqueleto de gorila con esta otra: *Simia sapiens*, y encima de una y de otra una tercera inscripción que dice: *Quantum mutatus ab illo*»(UNAMUNO, 1902: 62)

(Tem em seu escritório, ao lado de um piano, um esqueleto de homem com chapéu, gravata, fraque, anel (aliança) nos ossos dos dedos e um guarda chuva em uma mão e sobre ele esta inscrição: *Homo insipiens*, e ao lado um esqueleto de gorila nu com esta outra: *Simia sapiens*, e acima de uma e de outra uma terceira inscrição que diz: *Quantum mutatus ab illo*) (UNAMUNO, 1902: 62).

Esta alegoria sugere uma análise sobre o ser humano e sua relação com o mundo. Em primeiro lugar, a presença dos adornos sobre o esqueleto humano pode simbolizar a incoerência inerente ao homem, uma vez que se trata de elementos que remetem à vaidade, contrastando com o fato de estarem sobrepostos na matéria morta, considerando-se, portanto, que o que se põe em destaque é a aparência. Neste sentido pode-se aludir à incongruência do ser humano, anteriormente discutida, a partir do pensamento freireano.

Em segundo lugar, as expressões latinas *Homo insipiens*¹⁴ (sobre o esqueleto de homem); *Simia sapiens*¹⁵(sobre o esqueleto de gorila); e *Quantum mutatus ab illo*¹⁶ (sobre ambos) apontam para o sentido contrário da evolução humana na concepção do autor, pois a primeira expressão indica que o homem perdeu a capacidade de abstração, tornando-se, portanto, “um animal simbólico”; já a segunda, simboliza a capacidade de evolução racional do animal, prescindindo dos adornos, pois a nudez representa a autenticidade, a essência do ser, e por fim, a última expressão, que significa: “quanto se mudou do que era”, ou seja, de

¹⁴ Expressão satírica que o autor utiliza para se referir à espécie humana - O homem como um ser ignorante.

¹⁵ Sentença por maíuscula da qual o autor, também de forma irônica, remete à inversão entre as espécies- O animal com capacidade de abstração.

¹⁶ Expressão latina que significa: “quanto se mudou do que era”, faz referência à inversão entre as espécies humana e animal, proposta por Unamuno.

uma maneira irônica, o autor faz uma inversão entre as espécies, conotando, assim, a decadência do ser humano enquanto ser reflexivo. Essa relação se pode aludir ao comportamento puramente metódico e técnico representado por Avito.

Dom Fulgencio é exatamente o oposto de Avito, a começar pelo tratamento para com sua esposa, através do qual ele expressa a sua admiração pela mesma, além de atribuir a ela parte do seu sucesso, dessa forma o autor se contrapõe à figura machista expressa no personagem Avito. Neste sentido se põe uma vez mais em destaque na obra a temática da igualdade de gêneros, sobretudo, no que tange à figura feminina.

Como já foi mencionado, o velho filósofo é mestre por excelência, exerce o papel de conselheiro tanto para Avito, quanto para Apolodoro. Na sequência se apresentará um fragmento de sua primeira conversa com o garoto:

<<— ¿qué estudias ahora?
— Matemáticas.
— ¿Matemáticas? Son como el arsénico, en bien dosificada receta fortifican, administradas á todo pasto matan [...].
¿Matemáticas? Uno... dos... tres... todo en serie; estudia historia para que aprendas á ver las cosas en proceso, en flujo. Las matemáticas y la historia>>(UNAMUNO, p. 117).

(— O que estudas agora?
— Matemáticas.
— Matemáticas? São como o arsênio, em bem dosada receita fortificam, administradas de todo pasto matam.
— [...] Matemáticas? Um... dois... três... tudo em série; estude história para que aprenda a ver as coisas em processo, em fluxo. As matemáticas e a história são dois pólos (UNAMUNO, p. 117).

É interessante observar que o autor se utiliza da matemática, sendo esta uma disciplina que exige mais técnica e lógica, quem sabe, para fazer referência aos procedimentos e métodos didático/pedagógicos aplicados de forma mecânica. Não há dúvidas de que a relação aí empregada é uma crítica à forma como Avito conduz o seu filho. Trazendo essa reflexão para o âmbito educacional, é importante pensar o processo de ensino/aprendizagem no sentido de considerar o processo em si enquanto percurso, ou seja, o que se constrói ao longo desse percurso, e não visar apenas aos resultados. Nessa acepção é necessário considerar a educação enquanto prática reflexiva.

Prosseguindo dom Fulgência com suas orientações a Apolodoro, em determinado momento diz:

<<_ Extravaga, hijo mío, extravaga cuanto puedas, que más vale eso que vagar á secas. Los memos que llaman extravagante al prójimo ¡cuánto darían por serlo! Que no te clasifiquen; haz como el zorro que con el jopo borra sus huellas; despístaes. Sé ilógico á sus ojos hasta que renunciando á clasificarte se digan: es él, Apolodoro Carrascal, especie única. Sé tú, tú mismo, único é insustituible. No haya entre tus diversos actos y palabras más que un solo principio de unidad: tú mismo. >> (UNAMUNO, 1902, p. 119).

(— Extravasa meu filho, extravasa o quanto podes que mais vale isso do que vagar às secas. Os mesmos que chamam extravagante ao próximo. Quanto dariam para sê-lo! Que não te classifiquem; faça como a raposa que com a calda apaga suas pegadas; despiste-os. Seja ilógico a seus olhos até que renunciando a classificar-lhe digam: é ele, Apolodoro Carrascal, espécie única. Seja você, você mesmo, único e insubstituível. Não haja entre seus diversos atos e palavras mais que um só princípio de unidade: você mesmo) (UNAMUNO, 1902, p. 119).

Conforme se observa nas palavras de dom Fulgencio, há uma indução à libertação, sua fala é quase uma receita para que o sujeito tome ciência do direito de ser ele mesmo. Fica claro que por meio dessa passagem, Unamuno se empenha em abordar a temática da auto-existência, assim como a autenticidade do ser. Aliás, este é um assunto que se faz presente em muitos de seus escritos. Há um ensaio, por exemplo, intitulado <<uma conversa com dom Fulgencio>> em que o autor, através do referido personagem, argumenta: <<[...] Y si quieres existir de veras, insiste, insiste. La insistencia es la condición fundamental para verdadera existencia [...]>>¹⁷ (UNAMUNO, 1972, p. 11).

Em uma de suas conversas com Avito, que após surpreender o garoto recitando alguns versos de criança, inquieto lhe questiona sobre o que fazer com tal situação, o filósofo, pacificamente, responde: << [...] dejarle, dejarle que vuele [...]>>¹⁸ (UNAMUNO, p. 83). Não resta dúvida que Dom Fulgêncio é um defensor da liberdade. Neste sentido cabe citar Freire que diz: “Lutar pela libertação, como busca permanente, é a forma que encontro [...] para ser autenticamente gente” (2013, p. 2013).

Continuando o diálogo com Avito, dom Fulgencio enquadra o carrasco e egoísta pai com a seguinte pergunta: <<¿Ha sido usted alguna vez niño, Carrascal?>>¹⁹ O qual respondeu:

<<“— No lo recuerdo al menos... Sí, sé que lo he sido porque he tenido que serlo, lo sé por deducción, y sé que lo he sido por los que de mi niñez me han hablado, lo sé por autoridad, pero, la verdad, no lo recuerdo, como no recuerdo haber nacido...>>(UNAMUNO, 1902, p. 83).

¹⁷ Tradução Nossa: [...] E se quieres existir realmente, insiste, insiste. A insistência é a condição fundamental da verdadeira existência [...].

¹⁸ Tradução Nossa: [...] deixá-lo, deixá-lo que voe [...]

¹⁹ Tradução nossa: o senhor alguma vez foi criança, Carrascal?

(— Não me lembro, pelo menos... sim, sei que fui porque tive que ser, o sei por dedução, e sei que o fui pelos que falaram da minha infância, o sei por autoridade, mas na verdade, não me lembro, como não lembro haver nascido...) (UNAMUNO, 1902, p.83).

Após escutar o indiferente discurso em resposta a sua indagação, dom Fulgencio então, conclui:

<<— Aquí, aquí está todo, Avito, ¡aquí está todo! ¿Usted no recuerda haber sido niño, usted no lleva dentro al niño, usted no ha sido niño, y quiere ser pedagogo? ¡pedagogo quién no recuerda su niñez, quien no la tiene á flor de conciencia! ¡pedagogo! Sólo con nuestra niñez podemos acercarnos á los niños>> (UNAMUNO, 1902, p. 84).

(— Aquí, aquí está tudo, Avito, aquí está tudo! O senhor não lembra ter sido criança, e quer ser pedagogo? Pedagogo, quem não lembra sua infância, quem não a tem a flor da consciência! Pedagogo! Só com nossa infância podemos nos aproximar das crianças) (UNAMUNO, 1902, p. 84).

Com o entusiasmo de quem faz uma grande descoberta, o filósofo parece ter encontrado a explicação para tanta insensibilidade e prescrição. Seu relato faz menção ao papel do educador, ao qual se faz necessário procurar conhecer para entender o aluno, para isto é necessário o nivelamento dos papéis conforme já foi mencionado, o qual somente será possível por meio de uma postura flexível por parte do educador.

Conforme foi posto ao longo deste tópico, o personagem Dom Fulgencio possui um caráter investigador, o que permite pensar que Unamuno o colocou no entremeio do conflito entre pai e filho, exatamente para representar a figura do mestre, aquele que investiga que procura as causas dos eventuais problemas. Neste sentido se alude ao educador, sobretudo, aquele que participa efetivamente da formação do educando. Na sequência se tecerão algumas considerações sobre a figura do professor em duas perspectivas distintas, partindo da análise simbólica sobre os personagens Avito e Fulgencio.

2.5. Avito e Fulgencio: dois tipos de docente

De acordo com a análise feita sobre os personagens Avito e Fulgencio, se pode ver que estes representam dois tipos de docente, um tradicional, rígido e o outro mais flexível, amoroso, ou seja, no primeiro caso se tem o modelo de docente que instrui; que fala *para* o sujeito, no segundo caso, o que ensina; que fala *com* o sujeito.

Conforme foi analisado, Avito é uma representação da racionalidade enquanto lógica, técnica, sua postura se apresenta despida de amorosidade e de humildade. Tais características contribuem para pensar a perspectiva de ação pedagógica combatida por Freire, na qual “[...] se requer um educador [...] com muito pouco de formador, com muito mais de treinador, de transferidor de saberes, de examinador de destrezas” (1996, p. 90). Ao atribuir tal conduta a seu personagem, Unamuno certamente expressa a sua repulsa, assim como Freire, ao modelo de educação bancária.

A ação do educador enquanto instrução consiste na transferência do conhecimento, na qual se prioriza a aquisição dos resultados. Ademais, nessa perspectiva de prática pedagógica, o aluno, que deveria participar efetivamente do processo educativo é limitado a mero acumulador. O educador/instrutor não se preocupa com a condução do processo, mas com a ação do processo em si, ou seja, sua realização, seus desfechos. Outra tendência do instrutor diz-se da apatia, uma vez que seu perfil costuma ser mais rígido e, na maioria dos casos, resume-se aos métodos. Cabendo esclarecer que o presente discurso não anula a importância do método, que é imprescindível à construção do saber, o que se pretende assinalar é que o educador não deve apegar-se a ele só. Para ilustrar este argumento cita-se outra vez Freire, que diz:

Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se "aproximar" dos abjetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso "bancário" meramente transferido do perfil do abjeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no "tratamento" do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. (FREIRE, 1996, p.14).

Nas palavras do autor a expressão: “*se alonga à produção das condições (...)*” sugere a ideia de não se limitar aos métodos, mas a partir deles criar caminhos, pelos quais se dê a construção do conhecimento enquanto, saber, enquanto experiência, pois é exatamente no trato dessa *condução* em que consiste o *ensinar* (direcionar, propor caminhos) que o diferencia de *instruir* (repassar, entregar).

Retomando o que foi dito no início desta sessão, o personagem dom Fulgencio representa o professor/mestre, aquele que conduz o sujeito ao saber; que escuta e que aconselha o outro; aquele que está no entremeio, ou seja, é o mediador entre o educando e o saber. Um traço característico deste personagem na perspectiva de educação progressista é a postura indagadora, pois em seus diálogos com os personagens Avito e Apolodoro, dom

Fulgencio sempre se posiciona com indagações, o que se pode relacionar com o caráter problematizador da educação. Neste sentido Freire diz, “o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento” (FREIRE, 1996, p. 52). É indispensável que tanto o professor quanto os alunos tomem consciência de que a sua postura deve ser “dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve” (1996, p.52).

Conforme já foi exposto, a curiosidade é indispensável ao processo de libertação do sujeito. Assim, na medida em que o educador interpela, provoca o educando, se criam aberturas para que este desenvolva a reflexão e o posicionamento crítico. Dessa forma, confere-se ao professor certo grau de responsabilidade no que se refere à emancipação do educando. Assim, cabe dizer que aquele desempenha uma função ímpar no processo de formação deste.

Dom Fulgencio não é o único personagem de Unamuno que representa o professor como *mestre*, ou seja, na perspectiva progressista, humanizante. Outra criação do escritor espanhol que ilustra a reflexão sobre essa postura do educador é o personagem don Cassiano, do conto intitulado <<El Maestro de Carrasqueda >> (1958)²⁰.

No conto, o professor dom Cassiano trata a docência como um ato de doação total, pois dedica a sua vida aos alunos da pequena cidade de Carrasqueda, de modo que, mesmo quando adultos estes continuam a receber os ensinamentos do mestre para repassar a seus filhos. Com exceção de Ramón, o “discípulo” mais chegado de dom Cassiano, que ao chegar à juventude sai da cidade para continuar a carreira de estudos, por meio da qual alcança grande êxito.

Anos mais tarde, de volta a cidade “Ramonete”, como costuma chamar don Cassiano, pretende recompensá-lo pela formação que lhe ajudou a construir, porém o professor

²⁰ Na ficção literária de Unamuno, <<Carrasqueda de abajo>> é uma pequena cidade, quase um lugarejo, situada em algum lugar da Espanha, onde por volta de 1920, chega o professor don Cassiano, que lecionará para alguns garotos. Regido pela força da igreja católica, ele é censurado e recebe ordens sobre o que deve ensinar. Porém, com suas peculiaridades pedagógicas ele consegue não só a atenção, mas a afeição dos alunos. Há um deles em particular, que o professor o tem como filho <<Ramón Quejana>> ao qual dizia: <<Yo te haré hombre; [...] tu déjate querer”. Y el Chico no solo se dejaba, se hacía querer”. (UNAMUNO, 1958, p. 184).>>(Eu te farei homem; te permitas querer”. E o garoto não só se permitia, mas se fazia querer).

sabiamente responde: <<Mi condecoración eres tú, Ramonete>>²¹. E mais adiante diz: <<lo que he ganado un día lo he dado al siguiente, en calderrilla, como la gané>>²². (UNAMUNO, 1958, p. 185).

Diante destas bonitas e poéticas palavras expressas pelo escritor por meio do personagem, cabe dizer que vale muito apenas refletir sobre o educador na perspectiva do *mestre*, considerando a relação educador/educando como uma permuta, em que ambos compartilham saberes. E que a recompensa maior é perceber que os caminhos apresentados ao educando o levaram mais longe do que conseguiu chegar o educador. Tal façanha comprova que o fruto do seu árduo trabalho está para além dos resultados em termos quantitativos, pois mais vale apreciar as paisagens no percurso de uma longa viagem, do que vislumbrando o destino final, não conseguir enxergá-las.

Conforme tudo o que foi posto em debate fica, portanto, claro que há um grande abismo entre instruir e ensinar, assim como entre o professor/instrutor e o professor/mestre, e que na perspectiva deste último, a relação educador/educando se entende por mestre e discípulo.

No que se refere à obra analisada, o autor propõe uma leitura nas entrelinhas permitindo ao leitor indagar e inferir, assim como atribuir novos sentidos à leitura, afinal, literatura é isso, é um leque de possibilidades aberto ao leitor. Pois conforme argumenta Petit (2009), “o leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve [...] Mas também é transformado [...]”. Note-se que este argumento da autora tem muito a ver com o que vem sendo abordado ao longo deste trabalho, pois essa visão sobre a literatura se relaciona diretamente com o modelo de educação proposto por Freire, onde o sujeito não é passivo e através da ação produtiva no processo ele é capaz de reescrever sua história e assim ser transformado.

²¹ Tradução nossa: Minha condecoração é você, Ramonete.

²² Tradução nossa: O que ganhei um dia tenho dado ao próximo, em troca, como o ganhei.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo intitulado *Educação e Literatura: diálogos entre Paulo Freire e Miguel de Unamuno* possibilitou refletir sobre o papel social da educação e da literatura no processo de emancipação do sujeito, a partir das contribuições propostas pelos mencionados autores. No primeiro momento, observou-se, a partir das considerações de Freire, que para que haja a libertação da consciência manipulada é necessário que o sujeito seja despertado, de forma que aflore nele a curiosidade crítica. E que este tome ciência da ação opressora da sociedade sobre si, reconhecendo-se como sujeito e participe de sua própria história. Sendo, portanto, a educação o único caminho para se chegar à liberdade e a autonomia do ser.

No segundo momento, através da análise sobre a obra literária *Amor y Pedagogía* de Unamuno, foi possível refletir sobre o fundamental papel que o professor desempenha no processo de formação do educando. Por meio da análise simbólica sobre os personagens estabeleceram-se relações com a prática pedagógica, bem como a vida em sociedade. Ficando, pois evidente que assim como Paulo Freire, Miguel de Unamuno propõe significativas considerações acerca da educação como prática de liberdade.

Espera-se que esta proposta possa contribuir com futuras pesquisas acadêmicas, pois aborda questões relevantes sobre o papel do professor, bem como a função social da educação e a literatura no processo de libertação do sujeito. Ademais, expressa um olhar positivo e esperançoso, apesar de todos os entraves que promovem a descrença para com a educação. Pois ainda é possível crer na mesma enquanto força transformadora, que provoca, que inquieta e que liberta.

Por fim, é importante ressaltar que a inquietude que moveu o desenvolvimento desta pesquisa tem a ver com o anseio de expor uma íntima convicção de que a educação ainda é o caminho para construção de um mundo melhor, mesmo que seja o mundo particular, de cada sujeito, afinal, “para você transformar o mundo, tem que iniciar um pouco a transformação de você mesmo. Trata-se de um compromisso de mútua transformação – a da gente, a do mundo, a do mundo e a da gente” (FREIRE, 2013, p. 183). Por isso se escolheu pensar a partir do filósofo e educador Paulo Freire, em primeiro lugar, visto que ele é um dos maiores incentivos para que se possa continuar crendo na mudança e no progresso, sobretudo pessoal, por meio da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CADERMATORI, Ligia. **O Professor e a Literatura: para pequenos, médios e grandes.** Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância.** 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessário à Prática Pedagógica.** 1996. Disponível em: <www.sabotagem.revolt.org> Acesso em: 17 de fevereiro de 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- NETO, Miguel Sanches. **O Lugar da Literatura.** Guavira Letras, nº 15. P. 43-53, 2012.
- PETIT, Michèle. **Os Jovens e a Literatura: Uma nova perspectiva.** Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34. 2009.
- UNAMUNO, Miguel de. **Obras Complementares.** Madrid: Vegara Editorial, S. A. 1958.
- UNAMUNO, Miguel de. **Amor e Pedagogia.** Barcelona: Imprenta de Henrich - Editores y CA, 1902.